

B869.15

An25L

BC143413

MARIO DE ANDRADE



# O LOSANGO CÁQUI



MARIO DE ANDRADE

# LOSANGO CÁQUI

OU

AFETOS MILITARES DE MISTURA

COM OS PORQUÊS DE EU SABER ALEMÃO

Coleção  
SÉRGIO B. HOLANDA  
Biblioteca Central  
UNICAMP

S. PAULO  
CASA EDITORA A. TISI - RUA FLOR. DE ABREU, 4  
1926

do Autor :

- “Há uma gota de Sangue em cada Poema” (1917)  
“Paulicea Desvairada” (1922)  
“A Escrava que não é Isaura” (1925)  
“Losango Cáqui” (1925)

por publicar :

- “Primeiro Andar” (contos)  
“Amar, Verbo intranzitivo” (romance)

em preparação :

- “Clan do Jaboí” (poemas)  
“Gramatiquinha da Fala Brasileira”

UNIDADE	BC-SBH		
N.º CHAMADA:	2869.15		
V.	E.		
TOMBO BE/	143412		
PROC.			
A C	<input checked="" type="checkbox"/>	D	<input type="checkbox"/>
PREÇO			
DATA			
N.º CPD	CM 00024437621		

B121d 91418

A Sergio Brueghue de Holland  
misteriosa riqueza  
nossa,

of.

Maria A. Andre  
S. Paulo

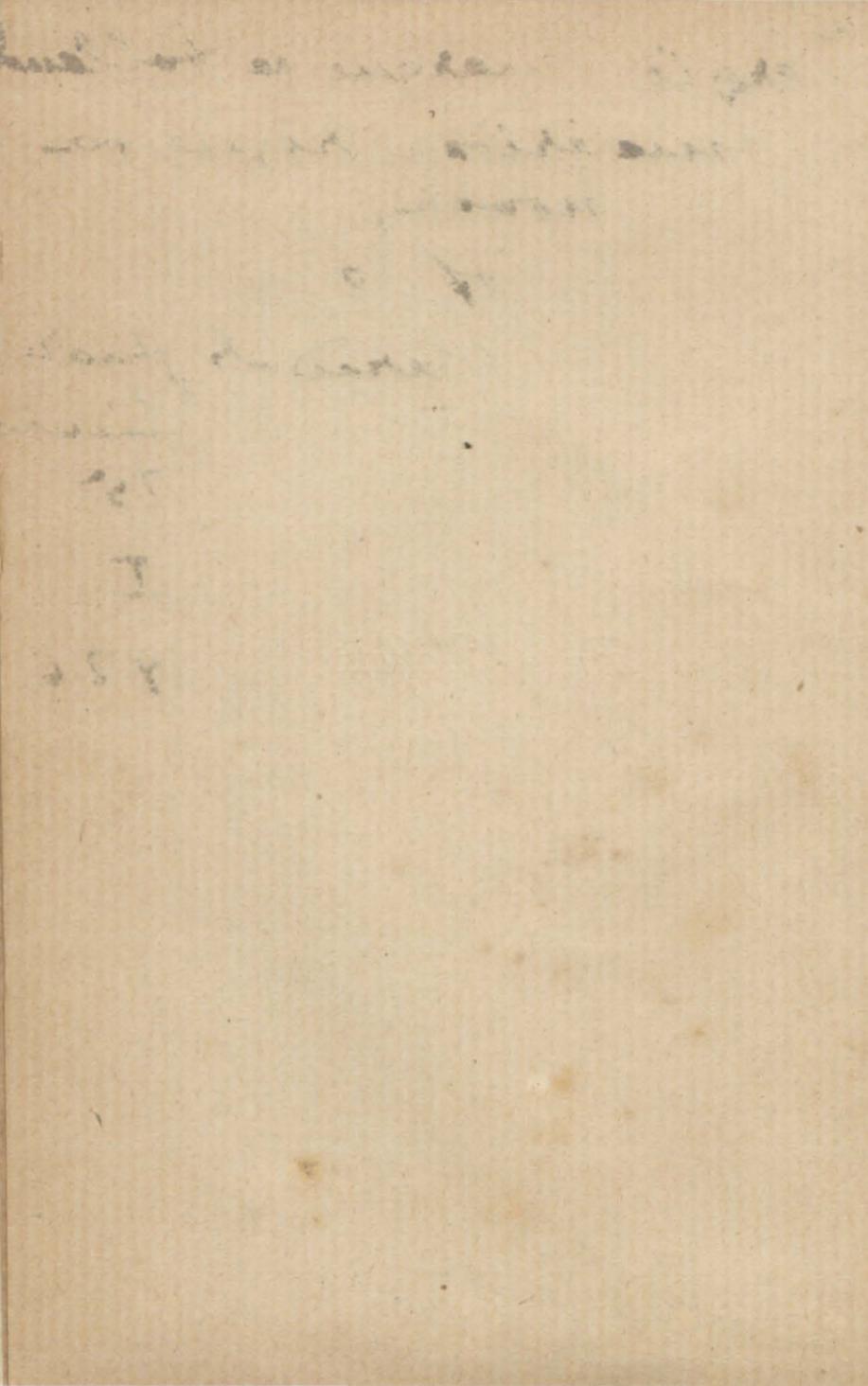
25

a

I

Anita Malfatti

926



## *Advertencia*

*Me resolvo a publicar êste livro assim como foi composto em 1922. E' um diario de tres meses a que a juntei uns poucos trechos de outras epochas que o completam e esclarecem. Sensações, ideas, alucinações, brincadeiras, liricamente anotadas. Raro tive a intenção de poema quando escrevi os versos sem titulo dêste livro.*

*Aliás o que mais me perfurba nesta feição artistica a que me levaram minhas opiniões estéticas é que todo lirismo realizado conforme tal orientação se torna poesia-de-circunstancia. E se restringe por isso a uma existencia pessoal por demais. Lhe falta aquela característica de universalidade que deve ser um dos principais aspectos da obra-de-arte. Vivo parafusando, repensando e hesito em chamar estas poesias de poesias. Prefiro antes apresenta-las como anotações liricas de momentos de vida e movimentos subconscientes aonde vai com gôsto o meu sentimento possivelmente pau-brasil e romantico.*

*Hoje estou convencido que a Poesia não pode ficar nisso. Tem de ir além. Pra que alens não sei não e a gente nunca deve querer passar adiante de si mesmo.*

*Porém peço que êste livro seja tomado como pergunta, não como solução que eu acredeite siquer momentanea. A existencia admirável que levo consagrei-a toda a procurar. Deus queira que não ache nunca... Porquê seria então o descanso em vida, parar mais detestável, que a morte. Minhas obras todas na significação verdadeira delas eu as mostro nem mesmo como soluções possíveis e tranzitorias. São procura. Consagram e perpetuam esta inquietação gostosa de procurar. Eis o que é, o que imagino será toda a minha obra: uma curiosidade em via de satisfação.*

*Rapazes, não confundam a calma destas linhas preparatorias com a melancolia comum. Não tem melancolia aqui. Sou feliz. Estou convencido que cumpro o destino que deviam ter meu corpo em sua transformação, minha alma em sua finalidade.*

*E passo bem, muito obrigado.*

*M. de A.*

*S. Paulo, 1924*



I

Meu coração estrala.

Esse lugar-comum inesperado : Amor.

Na trajetoria rapida do bonde...

De Sant'Ana á cidade.

Da Terra á Lua

Julio Verne

Atravessei o nucleo dum cometa ?

Me sinto vestido de luzes estranhas

E da inquietação fulgurante da felicidade.

Aqueles olhos matinais sem nuvens...

Meu coração estrala.

No entanto dia intenso apertado.

Fui buscar minha farda.

Choveu.

Visita espanto

Discussões esteticas.

Automovel confidencial.

Os cariocas perderam o matche.

Eta paulistas !

Mas aqueles olhos matinais sem nuvens...  
Meu refrão !

E penso nela, unicamente penso em mim.  
Amo todos os amores de S. Paulo... do Brasil.  
Eu sou a Fama de cem bocas  
Pra beijar todas as mulheres do mundo !  
Hoje é Suburra nos meus braços abraços frenê-  
tes amor !  
Minha Loucura, acalma-te.  
...Muitos dias de exercícios militares...  
Previsões tenebrosas...  
Revolução futuras...  
Perspectiva de escravo cáqui, pardacento,  
fardacento...

Meu coração estrala.  
Amor !...

## MÁQUINA-DE-ESCREVER

B D G Z, Remington.

Pra todas as cartas da gente.

Eco mecanico

De sentimentos rapidos batidos.

Pressa, muita pressa.

Duma feita surripiaram a máquina-de-escrever de meu mano.

Isso tambem entra na poesia

Porquê êle não tinha dinheiro pra comprar outra.

Igualdade maquinal,

Amor odio tristeza...

E os sorrisos da ironia

Pra todas as cartas da gente...

Os malevolos e os presidentes da Republica

Escrevendo com a mesma letra...

Igualdade

Liberdade

Fraternité, point.

Unificação de todas as mãos...

Todos os amores  
Começando por uns AA que se parecem...  
O marido que engana a mulher,  
A mulher que engana o marido,  
Os amantes os filhos os namorados...

“Pesames”.

“Situação difícil.  
Querido amigo... (E os 50 milreis.)  
Subscrevo-me  
adm<sup>or</sup> obg<sup>o</sup>; ”  
E a assinatura manuscrita.

Trique... Estrago !  
É na letra O.  
Privação de espantos  
Prás almas especulas diante da vida !  
Todas as ansias perturbadas !  
Não poder contar meu extase  
Diante dos teus cabelos fogaréu !

A interjeição saiu com o ponto fora de lugar !  
Minha comoção  
Se esqueceu de bater o retrocesso.  
Ficou um fio  
Tal e qual uma lagrima que cai  
E o ponto final depois da lagrima.

Porêm não tive lagrimas, fiz "Oh!"  
Diante dos teus cabellos fogaréu.  
A máquina mentiu!  
Sabes que sou muito alegre  
E gosto de beijar teus olhos matinais.  
Até quarta, heim, 11.

Bato dois LL minusculos.  
E a assinatura manuscrita.

### III

— Mario de Andrade!

— Ah...

Me lembrava daquela cara olhos cabelos,  
Daquelas mãos um dia cheias de amizades pra mim...  
No entanto era um desconhecido.

— Faz tantos anos, Mario...

— Meia-duzia, foi em 916.

— Tive notícias de você... Pelos jornais. Tenho seguido.

— Ahn...

— Você mudou bastante.

— Estou mais forte.

— Os insultos foram por demais..

— Um pouco... Mas, você?

— Ora eu... Mas não acreditei, Mario de Andrade.

— E as manobras no Rio, se lembra!... Bom tempinho!

— Nosso tempo...

E quis me cercar daqueles braços caídos!...

Então, falando muito baixo pra mim mesmo,

Veríamos juntos si estou certo no que sou...

**NO ENTANTO ERA UM DESCONHECIDO.**

Convidou:

— Sigo pra Caçapava.

— Não pede transferencia? É requerer do general. Eu fico aqui.  
Me olhou rapido como envergonhado de procurar alguém.  
Depois poisou o olhar nos horizontes curtos da ru-  
a Conselheiro Crispiniano.  
Depois deixou êle cair nas mãos encardidas pe-  
la companhia das sombras burocraticas.  
Depois me fitou. Fixamente.  
— Não. Vou pra Caçapava. Adeus, Mario de Andrade.  
— Passe bem.

Que alívio!  
Detesto os mortos que voltam.  
São tão mais nossas as imagens!

IV

Soldado-raso da Republica.

Quarto Batalhão de Caçadores aquartelado em Sant'Ana.

Rogai por nós!

Valha-me Deus!

Todo vioro de ignorancias militares.

... O calcanhar direito se levanta,

Corpo inclinado prá frente...

A marcha rompe.

Marcha, soldado,  
Cabeça de papel,  
Soldado relaxado  
Vai preso pro quartel...

V

“Escola ! Sen...tido !”

E a manhã  
noiva  
invernal  
humidecida,  
    Nevoas  
    Ventos  
    Gotas de agua,  
Se desenrola que nem novelo de fofa lã.

Que frio !..

Quatro carreiras de menhires húmanos.  
**IMOBILIDADE ABSOLUTA.**  
Porém as almas tremem retranzidas.

— “Cabeças levantadas ! Ninguem se mexa !”

E a neblina envereda ver garças batendo asas brancas  
Pelos alinhamentos de Carnac.

VI

Queda pedrenta da ladeira.  
Calcei botinas de febre.  
Meus pés são duas sarças ardentes.  
Queima-se o bruxo !  
Inquisição !

Topada,  
Turtuveio,  
Desfaleço...

...um-dois, um-dois...

Mario, coragem !  
Tão atrás dos companheiros... Avance !  
Olhe á direita o alinhamento.

E continuo : um-dois, um-dois...

Mas como eu marcharia,  
Taratá !  
Bandeiras

Centenario

Exposição Universal

Tôrre-das-Joias dos meus beijos,  
Si ela fosse soldado !  
Si marchasse a meu lado  
Com a sarça ardente dos cabelos  
Labaredando sob o quépi...  
Que linda então a barulheira dos tacões  
Batendo macanudos no chão :

UM-DOIS, UM-DOIS...

E nem marcha !

Desembestava maluco por essas pedras queridas,  
Si ela fosse meu rancho,  
Si ela fosse meu sôldo !

Meu amor...

Mario, cuidado, se alinhe !

Tão na frente dos companheiros...

Contentha êsse ardor patriotico,

Essa baita paixão pelo Brasil !

VII

Que sono !  
Todo dia,  
Quatro e meia,  
Madrugada...

Tácito hoje não veio.

Que seria ?

Inquietação.

A neblina se senta a meu lado no bonde.

Estou doente.

RUA DOS INVOLUNTARIOS DA PATRIA.

## VIII

- “Escola ! Alto !”  
Pararraáaaa...  
— “Não prestou ! Escola !...”

Escola pra quem, tenente ?  
O poeta vai na escola...  
Vai soletrar marchas altos esporas...

O apito mandachuva chicoteia o lombo dêle.  
O tenente é um cow-boy da Paramount.  
O potro corcoveia  
Prisca,  
Relinchos surdos,  
Tine tiririca esporeado no orgulho,  
Mas parou porquê o cow-boy fe-lo parar.

A fita continua.

E Paulicea em frente  
Recostada no espião do horizonte  
Aplauda o domador doiradamente  
Batendo a mão do Sol na mão da Terra.

## IX

Careço de marchar cabeça levantada  
Olhar altivo prá frente...

Mas eu queria olhar á esquerda...

Bonita casa colonial  
Chefnha mesmo de paisagem !

— “Olhar altivo prá frente !”

O meu tenente  
Não aprecia as casas coloniais.

Porém o meu olhar bléfa o tenente.  
Olhou altivo prá frente  
E batendo no quépi do soldado da frente  
Fez esquerda-volver  
E meigamente espiou a casa colonial.

X

## TABATINGUERA

Mas a taba cresceu... Tigueras agressivas,  
Pra trás! Agora o asfalto anda em Tabatinguera.  
Mal se esgueira um pagé entre locomotivas  
E o forde assusta os manes lentos do Anhanguera.

Anhangá fantasmal, feito de tabatinga  
Guincha, entrou pelo chão como o Anhangabaú.  
E a alvura se tornou cimento-armado, é cinza,  
Tinge a garoa Borba Gato Engaguassú...

Nada de ajuntamento! Os polícias dirigem  
O "Circulez". Meu Deus! É a marquesa de Santos!  
Está palida... O olhar fuzilando coragem  
Faísca da cadeirinha atapetada de anjos.

Segue prá força da Tabatinguera. Lento  
O cortejo acompanha a rubra cadeirinha  
Pro Ipiranga. Será que em tão pequeno assento  
A marquesa botou sua imperial bundinha!...

XI

O sargento com êsses acelerados  
No campo de futebol...

Que avançadas vencedoras de paulistas  
Contra uruguaios fugitivos invisíveis...  
Vencemos facilmente.  
Como sempre...

E o descanso feliz.  
Gosto de mim esta manhã.  
Minhas narinas esvoaçam,  
Me levam os olhos prá festa do longe.  
Boca trémula de gostoso sorrir.

E chupo a taça da aurora  
Cujo vinho é mais cor-de-rosa  
Que um rubáï de Omar Khayam.

## XII

Aquele bonde...  
Sensação primavera de jardim.

Aléas regulares francesas coroadas de rosas,  
Chiados de insetos de metalicas asas,  
Cheiro claro esgarçado rosado de rosas abertas,  
De rosas nos ares na grama nos caminhos,  
Milhares de rosas nos ares na grama nos caminhos,  
De rosas se rindo...

Vontade de amar!...

No entanto é já bem corriqueira  
Esta comparação de flores e mulheres.

### XIII

Seis horas lá em S. Bento.  
Os lampeões fecham os olhos de repente  
A' voz de comando do sino.  
A madrugada imensamente escura  
Abafa as arquiteturas da praça.  
E a estatua de Verdi tambem, graças a Deus !

Mãos nos bolsos  
Grupinhos entanguidos  
Encafudos nas socavas dos andaimes  
Os reservistas que nem malfeiteiros.

Dlem ! Dlem !...  
“SANT'ANNA”

Vem vindo a procissão com tocheiros e luzes.  
E principia o assalto agitado sem vozes.  
Anticlericais !  
Fora estandartes andores !  
Desaparecem os padres da noite.  
As filhas-de-Maria das neblinas  
Espavoridas pelo Anhangabaú...  
Assaltantes equilibrados nos estribos.

Estilhaço me fere nos olhos o sangue da aurora.  
Risadas.

Chamados.

Cigarros acesos.

Incendio!

Exterminio!

Vitoria completa...

Faz frio de geada esta manhã...

A gente se encosta nos outros, pedindo  
Uma esmolinha de calor.  
E o bonde abala sapateando nos trilhos  
Em busca das casernas sinistras cor-de-chumbo.

XIV

O "ALTO"

Tudo esquecido na cerração.

... um-dois, um-dois, um-dois, um-dois, um-dois,  
um-dois, um-dois, um-dois

ARVORE

um-dois, um-dois, um-dois, um-dois,  
um-dois

ARVORE

um-dois, um-dois, um-

ARVORE

dois,

um-dois, um-dois, um-dois, um-dois,  
um-dois

PRIMEIRO APITO

um-dois,

um-dois,

um:

- prraá.

— Cutuba!

XV

Abro tua porta inda todo humido do orvalho da manhã.  
Estavamios tão bonitos hoje...

Os filhos dos fazendeiros

Os filhos dos italianos...

Tinha tambem alguns com a pele morena por demais.  
Como deve ser ridiculo um negro passeando em Ver-  
salhes!

Detestavel Paris!

Porém nós faziamos a mesma raça,  
Grande gente nova sem odios,  
Povo de trabalho e de aventura...

Novo-Continente, novo centro do mundo!...

Então vim, pra que me visses de farda.  
Preguiçosa!

A estas horas amante de soldado já esqueceu o toucador!

Teus beijos serelepes novo orvalho sobre mim.  
Teus olhos palpitantes e risadas  
As tuas palmas infantis...  
Me entristeci.

Vejo no espelho a medalha dos teus cabelos no meu  
peito.

O bonde grita engasgado nos trilhos da esquina.

Não ficarei.

Quando a primeira vez apareci fardado,  
Duas lagrimas ariscas nos olhos de minha māi...

## XVI

Conversavam  
Serenos pacholas fortes.  
Que planos estrategicos...  
Balistica.  
Tenentes.  
Um galão.  
Dois galões.  
A galinhada!

Apito em grãos de milho no ar.

Escola pra um! Escola pra todos!  
Mande mande, tenente!  
Meus braços minhas pernas olhos  
Apite que êles obedecerão!

Mas porêm da caserna dum corpo que eu sei  
Sai o exército desordenado meu sublime..

Assombrações

Tristezas

Pecados

Versos-livres

Sar-  
casmos...

E o universo inteirinho em continencia!

... Vai passando  
No seu cavalo alazão  
O marechal das tropas desvairadas  
Do país de Mim-Mesmo...

## XVII

Mario de Andrade, intranzigente pacifista, internacionalista amador, comunica aos camaradas que bem contra-vontade, apesar da simpatia dêle por todos os homens da Terra, dos seus ideais de confraternização universal, é atualmente soldado da República, defensor interino do Brasil.

E marcho tempestuoso noturno.  
Minha alma cidade das greves sangrentas,  
Inferno fogo INFERNO em meu peito,  
Insolencias blasfemias bocagens na lingua.

Meus olhos navalhando a vida detestada.

A vista renasce na manhã bonita.  
Paulicea lá em baixo epiderme aspera  
Ambarizada pelo Sol vigoroso,  
Com o sangue do trabalho correndo nas veias das ruas.  
Fumaça bandeirinha.  
Tôrres.  
Cheiros.  
Barulhos

E fábricas...  
Naquela casa mora,  
Mora, ponhamos: Guaraciaba...  
A dos cabelos fogareu!...  
Os bondes meus amigos íntimos  
Que diariamente me acompanham  
pro trabalho...

Minha casa...

Tudo caíado de novo!

E' tão grande a manhã!

E' tão bom respirar!

E' tão gostoso gostar da vida!...

A propria dor é uma felicidade!

## XVIII

Cabo Alceu é um manguarí guassú  
Com espinhas de todas as cores na cara,  
Talqualmente uma coleção de turmalinas.

Acredita nas energias sem delicadeza  
E nas graças vagamente eruditás.

— “Na minha esquadra ninguem se mexe.  
La donna é immobile!”

XIX

Marchamos certos em reta prá frente.

Asa especula freme vagueia na luz do Sol.

Faça do seu espirito ūa marcha de soldado,  
Das suas sensações um vôo de andorinha.

## XX

Cadéncia ondulada suave regular.

Névoa grossa pesada que nem som de trompa longe.  
O Sol colhe algodão nas praias do Tiêtê.

... um-dois, um-dois...  
NA REDE.

A cadéncia me embalança.

Que gostosura!

Ela devia estar aqui  
Com os seus cabelos...

## XXI

### A MENINA E A CANTIGA

... trarilarára...traríla...

A meninota esganiçada magriça com a sáia voejando por cima dos joelhos em nó vinha meia dansando cantando no crepusculo escuro. Batia compasso com a varinha na poeira da calçada.

... trarilarára... traríla...

De repente voltou-se prá negra velha que vinha tropega atrás, enorme trouxa de roupas na cabeça:

— Qué mi dá, vó?

— Naão.

... trarilarára... traríla...

## XXII

A manhã roda macia a meu lado  
Entre arranha-céus de luz  
Construidos pelo melhor engenheiro da Terra.

Como êle deixou longe as renascenças do snr. dr.  
Ramos de Azevedo !  
De que valem a Escola Normal o Théatre Municipal  
de l'Opéra  
E o sinuoso edificio dos Correios-e-Telegrafos  
Com aquele relogio-diadema made inexpressively ?

Na Paulicea desvairada das minhas sensações  
O Sol é o snr. engenheiro oficial.

## XXIII

De nada vale inteligencia.  
Tempo perdido odiar os que devia odiar.  
Saudei-o muito sorrindo.  
Amor cantou por minha continencia...

Ele no entanto foi mesquinho.

Na Semana de Arte Moderna teve um número de programa que quasi ninguem viu:  
“A REVELAÇÃO DOS TAMANDUA'S”.

Saudei-o muito sorrindo...  
E nem é influéncia do clima.  
Está quente.  
Vai chover.  
Nuvens danadas.  
E cansaço faz calor dentro de mim.

Saudei-o muito sorrindo...  
Meu Deus, perdoai-me !  
Creio bem que amo os homens por amor dos homens !  
Não escreveria mais “Ode ao Burguês”  
Nem muitos outros versos de “Paulicea Desvairada”.  
Tenho todo um Mappa-mundi de estados-de-alma.

“Paulicea”, passagem do Equador...  
Fazia frio no Parnasianismo...  
Ara! praquê voltar nas paisagens de dantes!

Dez quilometros...

Quatro quilometros...

Treze quilometros...

O trem continua rapido.

Para em cada estação.

Me penteio no espelho.

— Você mudou bastante.

— Estou mais forte.

**NO ENTANTO ERA UM DESCONHECIDO.**

Desço.

Mas o sargento apita.

Aviso.

Torna a apitar.

Subo de novo.

Trem em marcha...

Onde irá dar a mobilização da vida!

## XXIV

### A ESCRIVANINHA

Meu pai com seu nariz judeu...  
Eu vivia quasi sem ruído.  
Dúmas Tèrrail Zóla escondidos,  
Si êle souber... Meu pai? Meu Deus ?

Duas pessoas num só terror.  
Meus quatorze anos sorrateiros :  
Leituras pobres, vicios feios,  
Quanto passado sem valor !

Eu não vivi no meu país.  
Zóla Terrail Dúmas franceses...  
Que gramaticas portuguesas  
Pro miseravel de Paris !

Depois a Vida me ensinou  
A vida. Meu pai morreu. Quando  
Orfão me vi, chora-chorando,  
Minha miseria se acabou.

Anjo-da-Guarda, Solidão!  
Zóla voltou prá escrivaninha  
De meu pai. Que grandeza estranha  
Pôs êsse gesto em minha mão?...  
Não sei.

## XXV

Sou o “base”.

Primeiro homem da 4.a Companhia.

Primeiro homem de S. Paulo !

Ela devia estar aqui  
Com o seu “bom-dia”...

Tem dois soldados inda mais compridos que eu.

E a bizarria ?

E a nitidez dos gestos militares ?

Finalmente o sargento comprehendeu que eu era o Exemplar,

Me deu o lugar supremo !

Sou o generalissimo das tropas de terra-e-mar da humanidade!

Ela devia estar aqui  
Com a sua vaidade.

Tudo em mim são angulos, retas.

Maquinismo inflexivel.

Corpo metronomo,

Allegro ma non troppo.

Abaixo as músicas românticas !  
Sou uma fuga de João Sebastião Bach !

Porém os pés sarcásticos satíricos  
Grita-grita riso fino de picadas.

Cobras,  
Espinhos,  
Dores,  
Cacos no caminho.

Calcei botinas de febre !  
Lamentações humilhações físicas insuportáveis !  
Meus pobres pés martirizados !  
Ah, os balsamos deliciosos refrigerantes !  
Perfumes raríssimos bíblicos !  
Madalenas de mãos finas lentas imperiais !

Ela devia estar aqui  
Com as suas mãos lentas...

XXVI

— “Escola, olhe essa palestra!”

— Olhe o Paulistano

## XXVII

### A MENINA E A CABRA

A menina peleja pra puxar a cabra  
Que toda se espaventa escorregando no asfalto  
Entre as campainhadas dos bondes  
E a velocidade poenta dos automoveis.

... Todo um rebanho de cabras...  
As cabras pastam o capim do meio-dia...  
E na solidão morta da serra  
Nem um toque só de buzina.  
Cachorro feio de olhos grandes entocaiados nos  
pelos.

Junto das pedras movidas pelas lagartixas,  
Aonde o Solão chapinha na agua agitada  
Afinca os dentes no queijo doirado  
Lícias, pastor.

## XXVIII

### FLAMINGO

Rígido a levantar no blau a flama rosea,  
Flamingo... Além na sombra o misterio de Flandres...  
Sinos de coros polifonicos se expandem  
Em cinza em amplidão nitida e crua ardosa.

Quimera viva! Vlan! Lança pelo infinito  
O bico em curva e o vôo arca sobre o deserto.  
Desce no areal. Heraldo o alto perfil inquieto  
Real... E a ridiculêz do passo de Carlito.

Passam autos. Mulheres vão e vêm. Dengosa  
A tarde grande bate as asas do flamingo.  
Marés-altas de luxo. E o Flamengo domingo  
Abre nos céus o que não tem no Rio: rosas!...

## XXIX

Enfim no bonde pra casa.

O coronel não gostou do alinhamento das armas.  
Sargento Vitoriano ordenou dez minutos de acelerado.

No entanto era tão moço o nosso desalinho...

Sou brasileiro ou alemão ?

Imperialismo...

Na certa que Dom Pedro II  
Havia de se rir do nosso desalinho...

O bonde nada no Tiêtê.

Havia nas manhãs cheias de Sol do entusiasmo

As monções da ambição...

Giganteas vitorias...

Ninguem se amolava com o alinhamento das armas !

Ninguem mandava acelerados !

E nas madrugadas bonitas

Do ouro da luz mexendo na neblina  
As bandeiras e as monções enveredavam prá Aventura!...

Porém o hoje das turmalinas falsas baratíssimas !  
Vida bêsta infame odiada!  
Eu trago a raiva engatilhada...

XXX

## JOROBABEL

Um chôro aberto sobre o universo desaba  
A badalar... Um chôro aberto sobre a Terra  
Em bandos de ais... Guaiar profetico se expande...  
Anda franco no mundo o agoiro da miseria...

Job abulico baba o fel que o devora... Hirta  
A multidão que desapareceu Abel...  
Um chôro... E a vida excessivamente infinita!...  
Clamor! Ninguem se entende! Um Deus não vem!... Ba-  
bel!...

Babel! Um chôro aberto sobre a confusão  
Das raças! Babel! Os sinos em arremessos  
Belicos! Badalar dos sinos! Multidão  
Hirta! Jerusalem incendiada... Rebate!

Babel! Jerusalem! Jorobabel! Babel!  
Batem os bronzes bimbalhando! Pobre Job  
Sem ouro, multidão devora e baba o fel!...  
Um chôro aberto de entes miserrimos...

XXXI

## CABO MACHADO

Cabo Machado é cor de jambo,  
Pequeninho que nem todo brasileiro que se preza.  
Cabo Machado é moço bem bonito.  
E' como si a madrugada andasse na minha frente.  
Entreabre a boca encarnada num sorriso perpétuo  
Adonde alumia o Sol de oiro dos dentes  
Obturados com um luxo oriental.

Cabo Machado marchando  
E' muito pouco marcial.  
Cabo Machado é dansarino, sincopado,  
Marcha vem-cá-mulata.  
Cabo Machado traz a cabeça levantada  
Olhar dengoso pros lados.

Segue todo rico de joias olhares quebrados  
Que se enrabicharam pelo posto dele  
E pela cor-de-jambo.

Cabo Machado é delicado gentil.  
Educação francesa measureira.  
Cabo Machado é doce que nem mel  
E polido que nem manga-rosa.  
Cabo Machado é bem o representante duma terra  
Cuja Constituição proíbe as guerras de conquista  
E recomenda cuidadosamente o arbitramento.  
Só não bulam com êle!  
Mais amor menos confiança!  
Cabo Machado toma um geito de rasteira...

Mas traz unhas bem tratadas  
Mãos transparentes frias,  
Não regeita o bon-ton do pó-de-arroz.  
Se vê bem que prefere o arbitramento.  
E tudo acaba em dansa!  
Por isso cabo Machado andá maxixe.

Cabo Machado... bandeira nacional!

XXXII

## AS MOÇAS

Cinco ou seis...

E me senti mais só no meio delas.

Rostos de luas coloridas,

Conversas fiadas de mulheres...

Mas a cidade continua...

### PALMA DE MÃO...

E li nas linhas ruas

O destino daquela mocidade.

— E' fatal: deixai-me a rir

E sorrindo parti!

Ela se fechará pra vos prender.

Antes se rir.

Vamos! mais rouge riso pros labios,

Os sapatinhos de verniz,

Sedas e coração!

E é aguentar o cinema quotidiano!

Cow-boys predestinados

Raptos eletricos...

E tudo acaba mal.

Sofrei!

... A propria dor é uma felicidade.

E ei-las partindo.

Longe de mim.

Vôo de moças!

Vôo de moscas assustadas...

E vão se debater ansiosas na vidraça...

E A MÃO QUE AS VAI PEGAR!

E fiquei a me rir...

Rindo das moças,

das moscas,

da vida...

das lagrimas nos olhos pequeninos.

### XXXIII

*"Prazeres e dores prendem a alma  
no corpo como com um prego. Tor-  
nam-na corporal... Consequentemente  
é impossível pra ela chegar pura nos  
Infernos."*

*Platão.*

Meu gôso profundo ante a manhã Sol  
a vida carnaval...

Amigos

Amores

Risadas

Os piás imigrantes me rodeiam pedindo retratinhos  
de artistas de cinema, dêsses que vêm nos maços de  
cigarros.

Me sinto a Assunção de Murillo !

Já estou livre da dor...  
Mas todo vibro da alegria de viver.

Eis porquê minha alma inda é impura.

XXXIII bis (\*)

## PLATÃO

Platão ! por te seguir como eu quisera  
Da alegria e da dor me libertando  
Ser puro, igual aos deuses que a Quimera  
Andou alem da vida arquitetando !

Mas como não gosar alegre quando  
Brilha esta alva manhã de primavera  
— Mulher sensual que junto a mim passando  
Meu desejo de gôsos exaspera !

A vida é bela ! Inuteis as teorias !  
Mil vezes a nudeza em que resplendo  
A' clamide da sciencia, austera e calma !

E caminho entre aromas e harmonias  
Amaldiçoando os sabios, bemdizando  
A divina impureza de minha alma.

---

(\*) Publicado na «Klaxon» o poema anterior causou hilaridade. Era natural. Por caçada vesti minhas sensações e ideas com êste soneto.

XXXIV

**LOUVACÃO DA EMBOABA  
TORDILHA**

Eu irei na Inglaterra  
E direi pra todas as moças da Inglaterra  
Que não careço delas  
Porquê te possuo.

Irei na Italia  
E direi pra todas as moças da Italia  
Que não careço delas  
Porquê te possuo.

Irei nos Estados Unidos  
E direi pra todas as moças dos Estados Unidos  
Que não tenho nada com elas  
Porquê te possuo.

Depois irei na Hespanha  
E direi pra todas as niñas da Espanha  
Que não tenho nada com elas  
Porquê te possuo.

(etc.)

Quando voltar pro Brasil  
Te mostrarei a irmã dos teus cabelos,  
Minha constancia triunfante.  
Será bonito enxergar as irmãs abraçadas na rua !

E inda terei de ir numa terra que eu sei...  
Mas não será pra lhe gritar minha felicidade fanfarrã...  
Será numa comovida silenciosa romaria  
De amor, de reconhecimento.

XXXV

“Meu coração estrala”...

Que imagem sem verdade.  
Porém não tive idea de mentir...  
Foram os nervos, a alma?  
Que quer dizer estralo!

Nem aõ menos sou padre Vieira...

Ôh dicionario pequitito!...

## XXXVI

Como sempre, escondi minha paixão.  
Ninguem soube do primeiro beijo que te dei.  
Ninguem não é a inteira verdade  
Mas são tão relativos os desconhecidos...  
S. Paulo é já uma grande capital.  
Não porquê tenha milhares de habitantes  
Porém a curiosidade já não passa mais  
dos olhos prás linguas.  
E quanto é mais intenso amar sem comentários !

Mas eu sonho que vais agarradinha no meu braço  
Numa rua toda cheia de amigos, de soldados, conhe-  
cidos...

XXXVII

Te goso!...

E bem humanamente, rapazmente.

Mas agora esta insistencia em fazer versos sobre ti...

## XXXVIII

Manhã veraneja, manhã que dá sustancia,  
Toda lisa sem nuvens

sem cuidados

cansaços...

Adiante o morro sacode o ombro indiferente.

Curiosidade de viver !

Cadência bem batida, regular.

Porém o sargento embrirrou com o alinhamento das armas.

— “Alinhem essas armas, senhores !”

O sargento ignora a influéncia do sangue latino.

Impaciencia.

Mocidade.

Verso-livre...

Alegria grita em mim.

Curiosidade de viver !

— “Senhores, as armas !”

...e os barões assinalados  
Que da occidental praia lusitana...

Marco a cadéncia com versos de Camões.

Ineses fugitivas nas janelas e portas.  
Amo todas as moças brancaranas ou louras  
E a manhã despenteando nos telhados seus cabe-  
los fogaréu...

Curiosidade de viver !

Sargento Vitoriano,  
Sapeque o seu jamegão latino  
Nesta desalinhada Companhia brasileira !

## XXXIX

### PARADA

(7 de Setembro de 1922)

— “Colunas de pelotões por quatro!”

#### O DESFILE PRINCIPIA.

O refle rombudo da soldadesca marchando  
Mansamente se embainha na Avenida,

— “Olhe a conversão!”

Conversão de S. Paulo...

Todos convergem prá esquerda.

Lá está Bilac estreando a fatiota de bronze.

Patria latejo em ti...

Meu Brasilzinho do coração!

A alma da gente drapeja no espaço cinzento.

Os mil milhões de rosas paulistanas.

Moça bonita !

Muitas moças.

Conhecidos.

— “Troque o passo ! ”

Gi, Taco, Maria, que lindos os tres!

Maquinas cinematograficas.

My Boy.

Não posso me rir.

Olhar altivo prá frente...

Na minha frente

O cabo mais descabido deste mundo.

Rua Augusta curiosa.

Todas as ruas transversais espiando curiosas

Trepadas em trincheiras de automoveis.

Sorveteiro.

Moça bonita !

Palmas.

Grade dos escoteiros perfilados.

Cunhãs, velhas corocas debruçadas...

Brutas !

No parapeito das cabeças infantis.

As familias dos mitras nos castelos roqueiros

Apresentam armas em negligé.

Zero uniforme.

Este cabo caminha em contratempo,

Cinco por quatro,

Tal e qual Boieldieu na Dama Branca

“Viens, gentille dame”...

Zortzico de Albeniz..

Esculhamba toda a marcha !

Moça bonita!

— “Olhe o Mario de Andrade!”

Se enganou, moça.

Onde estarei?

Ela não veio com certeza...

Que bem me importa!

Saiba a cidade de S. Paulo

Que nela vive um homem feliz!

— “Olhe a cadênciá!”

### O TRIANON VAI PASSAR

Palmas.

O tenente gesticula com a espada  
E todos olham prá direita em continencia.

Músicas.

Ovação.

Trinta carinhas adoraveis.

Esta familia sorocabá...

Tudo procissiona em meus olhos um-dois...

Arvores,

O preto,

Beiço vermelho tapa o resto.

Moça bonita!

Músicas.

Cornetas.

Cornacas.

Bengalós.

No alto dum palanquim

Sua Excia. o Marajá de Khajurao.

O snr. presidente do Estado não gosta de Modernismo...

Olha pra mim !

— “Fora de forma !

Quarenta dias de prisão !...”

Oh, minhas alucinações !

Moça bonita !

Palmas.

Passou o palanquim.

Serenamente continuou sua jornada

Sua Excia. o marajá de Khajurao.

E os diademas de perolas luzentes

Nos risos das favoritas.

Toneladas de moças bonitas !

— “Viva o Brasil !”

— “Viva o Quarto Batalhão de Caçadores”!

Risos.

Sorveteiro-sorveteiro.

Acerte o passo, cabo !

Um senhor tres filhas gordas,

Colares falsos,

Terra-roxa,

Guaratinguetá,

Tabatinguera,

Oblivion !

Oblivion...

Está acabando a preocupação.

Braço doi.

A Avenida escampou.

Não tem mais moça bonita.

Que dê as palmas ?

Não existo.  
Não marcho.  
Muito longe  
Nos cafundós penumbritas de Santo Amaro  
O vacuo badalando badalando...  
Eco dentro de mim.  
Não tem mais Independencia do Brasil.  
Olhos defuntos.  
Ninguem.  
Nada.  
Praquê tanto tambor?  
O braço nem doi mais.  
Cheiros de almoços mayonnaises.  
Sol crestado nas nuvens que nem PÃO.  
Kennst du das Land  
Wo die Zitronen blühen?...  
Assombrações desaparecidas.  
O mundo não existe.  
Não existo.  
Não sou.

## CICLIZAÇÃO

Alô?...  
Dava dez milreis por um copo de leite.

XL

Não devia falar “meu coração estrala”.

Lembro todos os estralos do mundo...

Os boleeiros guasqueiam os burros...

O pneu arrebentou quando iamos duas horas da manhã...

Balas-de-estralo pelo Ano-Bom...

— Eu peno todas as dores  
Com êste amor que Deus me deu,  
Quem achou os seus amores  
A si mesmo se perdeu.

Só falta música.

Si fosse rico havia de ter uma farda de gala.

Não devia falar “meu coração estrala”...

Esta preocupação de sentimento que passou...

## TOADA SEM ÁLCOL

Certeza de ser nesta vida  
Fingimento de alguem nas artes,  
Antes fraco inerme covarde,  
Covarde diante desta yida.

Chuçadas e iapos berrantes,  
Klaxon, terror ! sem automovel...  
Antes triste traste covarde  
Diante dos morros desta vida.

Ninguem sabe da solitude  
Que enche o meu peito sem emprêgo,  
O qual comunga todo dia  
Na missa-baixa do abandono.

Mas, rapazes, não tenho a culpa  
De ter faltado em minha vida  
O amigo que me defendesse,  
Aquela que eu defenderia.

XLII

## RONDO' DAS TARDANÇAS

— “Volte amanhã.”

Como tarda a desincorporação !  
Não tem mais formaturas,  
Não tem mais acelerados...

### CALMARIA

Desejo de tempestades  
Adoece meus membros parados.  
Quero ir de novo pro batuque público da vida !

Que engraçado !  
Tambem quando trato dos meus negocios com a vida  
Ela sempre me diz com o ar distraido dela :  
— “Volte amanhã.”

## XLIII

Desincorporados.

Previsões tenebrosas,  
Outra parada,  
Revoluçãoes futuras...

O snr. presidente da República

Acredita na fidelidade dos seus subditos.

E TUDO ACABA EM DANSA!

Por isso cabo Machado anda maxixe...

Nem sôdade nem prazer.

Me inebriei de manhãs e de imprevistos.

Bebedeiras sentimentais...

Meu vício original.

Recordâmos esquerdas-volver e meias-voltas...

Volta e meia vamos dar.

E' certo que me alegra

Não ser obrigado a fingir mais olhar altivo prá frente,  
Secretamente eu preferia o olhar quebrado do amor.

E a gente tem mais coisas que fazer.

Não sou dêsses pros quais a segunda-feira é igual-zinha ao domingo.

Trabalho como jeteí

Quando é florada na fruteira.

Corro minha vida com a velocidade dos electrons  
Mas porêm sei parar diante das vistas pensativas  
E nos portais das tupanarocas sagradas.

Eis a vida.

V'lá Paris...

pan-bataclan...

— Ordinario, marche,

Pros meus vinte-e-nove anos maravilhosos !

Afinal,

Este mês de exercícios militares :

Losango cáqui em minha vida.

... Arlequinal...

XLIV

## RONDO' DO TEMPO PRESENTE

Noite de music-hall...

Não, faz Sol. E' meio-dia.

Hora das fábricas estufadas digerindo.

A rua elastica estica-se talqual clown desengonçado  
Farfalhando neblinas ironicas paulistas.

O Sol nem se reconhece mais de empoado

Ver padeiro que a gente encontra manhãzinha  
Quando das farras vai na padaria comer pão.

Noite de music-hall...

Cantoras bem pernudas.

O olhar piscapiscas dos homens aplaudindo.

Como se canta bem nas ruas de S. Paulo !

O passadista se enganou.

Não era desafinação

Era pluritonalidade moderníssima.

Em seguida o imitador,

Tenores bolshevistas,

Tarantelas do Fascio...

Ibsen! Ibsen!

Peer Gynt vai pro escritorio

Com o rubim falso na unha legitima.

Empregados publicos virginais

Deslumbrados com o jazz dos automoveis.

Os cadetes mexicanos marcham que nem cavalos ensinados,

Está repleto o music-hall!

Mulheres-da-vida perfiladas nas frizas.

— Olhar á direita!

— Olhar á esquerda!

Taratá!

Olhar especula pra todos os lados!

Mas as continencias livres do meu chapeu

Não se esperdiçarão mais com galões desconhecidos!

Prefiro mil vezes saudar os curumins!

Os meninos-prodigios caminham seculo-vinte

Sem esbarrão na confusão da multidão.

Bravissimo!

Taratá!

Seculo Broadway de gigolôs, boxistas e pansexualidade!

Que palcos imprevistos!

Programas originais!

Permitido fumar.

Esteja a gôsto.

Faz Sol.

E' meio-dia...

Noite de music-hall...

## TOADA DA ESQUINA

Pouco antes de meio-dia  
Senti que vinha. Esperei.  
Veio. Passou. Foi assim  
Como si a Lua passasse  
Por essa picada estranha  
Que viajo desde nascer.

A redoma toda verde  
Do meu peito escureceu.  
Noite de Maio bondoso.  
Lá vai a Lua passando.  
Ha mesmo essa refração  
Que me bota no pescoço  
O cache-col da Via-Latea  
E a Lua na minha mão.

Mas quando quero gosar  
O belo tactil do luar,  
E passo a mão sobre os dedos...  
Tenho de desiludir-me.

Foi mentira dos sentidos,  
Foi o orvalho. Nada mais.  
Veio. Passou. Foi assim  
Como si a Lua..

Suspiro talqual na infancia.  
— Que queres, Mario? — Mamãi,  
Quero a Lua! — Hoje é impossivel,  
Já vai longe. Tem paciencia,  
Te dou a Lua amanhã.

E espero. Esperas... Espera...

— Pinhões!

Coleção  
SÉRGIO B. HOLANDA  
Biblioteca Central  
UNICAMP

ESTA — EDIÇÃO — DE — OITOCENTOS — EXEM-  
PLARES — DO — LOSANGO — CÁQUI — ORNADA  
— COM — CAPA — DE — DI — CAVALCANTI —  
SE — TERMINOU — AOS — 12 — DE — JANEIRO —  
DE — 1926 — NAS — OFICINAS — DA — TIPO-  
GRAFIA — IDEAL — DE — H. — L. — CANTON —  
EM — SÃO — PAULO — - - - - -

